

Director, editor e proprietário
António Dias Pinto de Castro
—
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4313

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

Recortes, Apontamentos PROBLEMAS DE GUIMARÃES PROTECÇÃO À CRIANÇA

(Indivíduos e Sociedade)

Por Agnelo Correia Júnior

Guimarães começa a viver, enfim, uma maré alta de inquietação social. Pelo menos assim nos parece através de um dos seus melhores porta-vozes que é a imprensa local. Era já tempo, mas não é só de Guimarães que esta agitação ou febre espiritual vai animando a vida dos que nela vivem.

Sente-se que uma onda de acção de bem-fazer vai crescendo gradualmente à medida que novos e novos problemas vão surgindo neste oceano complexo e vários dos espíritos e das sociedades.

Por isso rebusquei os meus apontamentos escolares e pensei que chegou a hora de os despertar do pó antigo das escrivaninhas e trazê-los com as melhores intenções para o meio da sociedade ansiosa de saber, a sociedade da assistência, da indústria, do comércio, a sociedade emolente e compadecida dos sem pão, dos rotos, a sociedade, enfim, que clama pela justiça e pela caridade, cheinha de problemas, é certo, mas aonde em boa hora se reconhecem esses problemas e vejo alma para os enfrentar afanosamente.

Começo a sentir, enfim, o lícito orgulho de ser vimaraneses.

«Recortes, Apontamentos» não terão mais alcance do que aquilo que em realidade são: pequenas notas à margem dos meus livros ou dos meus cadernos de apontamentos. Procurarei que elas tenham oportunidade e isso é tudo. Não pormenorizarei doutrina e não vou ilustrá-la muito. O que escrever sairà como recortes dum livro em face das notas que lhe pusemos ao ler.

Assim começaremos hoje por dizer alguma coisa do que pensamos acerca destes dois grandes conceitos: indivíduo — sociedade.

Assentemos já que não partilhemos de certas teorias totalitárias que dão à sociedade uma primazia total em relação com o indivíduo.

O homem não é um mero animal cuja personalidade seja criada pela sociedade. Então a sociedade seria um ser orgânico transcendente aos indivíduos; e assim como a célula

recebe a vida do todo assim o indivíduo receberia a vida humana do todo social, o que nos parece inadmissível.

Pergunta-se: — Qual destas duas coisas parece ser anterior: o homem ou a sociedade? O homem naturalmente; pelo menos com uma anterioridade de natureza. Não é a vida humana que flui da sociedade; senão que é a vida social que emana da vida humana. Toda a vida social radica necessariamente na pessoa sem a qual não se conceberia a sociedade. Reconhecemos, sim, esta tendência sociológica: que a sociedade reacciona sobre o indivíduo; que ela é formadora do homem; invade o seu interior dando-lhe uma fisionomia peculiar. O homem nasce sendo pessoa; mas quem cultiva essa pessoa é a sociedade. Ela veste-o com os seus hábitos, os seus costumes, as suas tradições, a sua mentalidade e cultura.

Não se pense, entretanto, que esta cultura é alguma coisa que foi segregada da sociedade. A cada passo celebramos cerimónias e comemoramos a memória dos nossos antepassados, especialmente a memória daqueles que assinalaram a sua passagem na terra, com actos de verdadeira transcendência social. É justo. Toda a nossa cultura de hoje é o resultado e o esforço das gerações passadas. Todas as ideias ou instituições têm a sua história: elas nascem, desenvolvem-se e aperfeiçoam-se como consequência do trabalho dos indivíduos. É a sociedade quem recebe esses esforços e esses desenvolvimentos; mas de quem são, ao fim e ao cabo, senão dos indivíduos particulares, que os transmitiram às gerações futuras? A sociedade é um meio ou instrumento para o progresso humano, mas não é, de maneira nenhuma, a causa primordial da sua cultura. Ela é obra do homem particular.

Daqui a necessidade de viver em sociedade, a obrigação que todos temos de buscar a perfeição e o respeito que merece à sociedade todo o homem indistintamente.

Se os Vimaraneses quiserem...

Se há instituições que honram o nome da nossa terra, nenhuma se sobrepõe à *Sociedade Martins Sarmento*.

Pelo seu passado brilhante, pelo seu presente de actuação à altura desse mesmo passado, o nome da instituição vimaraneses avulta para além das fronteiras.

É pois dever dos vimaraneses, nomeadamente da sua Imprensa, o colaborar com os governantes do nobre instituto cultural.

Apreciemos, com esse nobre objectivo, das razões determinantes por que a sede da *Sociedade M. Sarmento* está há longos anos por concluir:

Foi possível, em 1908, mercê da actuação devotada do Ministro das Obras Públicas, Conde de Paço Vieira, realizar a construção do corpo central do edifício.

Depois disso, uma estagnação de vontades viu correr anos, uns após outros, sem que as obras do edifício prosseguissem. Decorreu mesmo, digamos, num período auspicioso em que esse empreendimento ter-se-ia tornado prático e fácil. Essa autêntica *maré do carpe diem* foi aquela em que um illustre filho de Guimarães ocupava um departamento do Estado, por onde corriam os assuntos de fomento nacional e obras públicas. Perdida essa oportunidade — a qual tornava possível ver o Estado prosseguir o exemplo do Ministro Paço Vieira — houve que entrar-se no regime das comparticipações.

Para além disso, não!

Por muito que haja sido posta em evidência a extraordinária acção cultural da instituição vimaraneses — única no género em todo o país! — nada fez até hoje demover as estâncias oficiais no sentido de dispensarem à obra aquele tratamento que merecia.

Deve, com verdade e justiça, afirmar-se ter o Presidente da Instituição empregado esforços direc-

em Lisboa, para tentar obter, por uma justa e boa compreensão, uma ajuda especial do Estado.

Esses esforços, porém, não alcançaram êxito. Mercê da circunstância económica da instituição não poder fazer face à verba que lhe foi atribuída em comparticipação, a obra não pode prosseguir.

Nesta triste emergência foi comunicado à direcção da S. M. S. — ter ficado captiva, sem efeito, a verba de 84,358\$00 que o Estado havia concedido à instituição vimaraneses para a obra no seu edifício!

No relatório agora publicado pela Direcção da Sociedade, este facto é ali registado por estas palavras:

«A Direcção acolheu com pesar esta comunicação resultante de a Sociedade não dispor nesta ocasião de fundos, para contribuir com a sua cota parte para as obras da sede».

Por esta declaração de comprovado insucesso, ficamos sabendo: que a conclusão do edifício se arrastará por mais alguns anos!

— Quantos?...

Custa que assim haja de ser. Importa à dignidade, ao brio dos vimaraneses, ajudar a benemérita instituição no seu esforço construtivo. A conclusão do edifício — que exige ainda, talvez, a importante verba de seiscentos mil escudos — se não está dentro das possibilidades exclusivamente dos recursos da instituição, pode todavia ser alcançada por meios extraordinários. Para isso é necessário que se forme ao lado da Direcção uma força decidida, empenhada em vencer o magno problema financeiro.

A Direcção da S. M. S., constituída por vimaraneses amigos da sua terra, sabe muito bem como positivar a ideia de reunir os recursos necessários para este desiderato.

Continua na 2.ª página.

Cada vez mais se firma no nosso espírito a destacada personalidade do Eng.º Arantes e Oliveira, illustre titular da Pasta das Obras Públicas.

Sua Excelência entrou em Guimarães não para uma rápida visita de análise aos problemas locais, mas para um dia de estudo e trabalho exaustivo que começou às 10 e terminou às 20 horas, apenas entrecortado por uma ligeira refeição.

No seu dizer e na análise aos problemas vitais da cidade Afonsina isto foi o concretizar dum obra que se vai iniciar breve.

E finalizou com aquelas palavras serenas, firmes, dum Homem que só exprime aquilo que pretende: Queremos fazer em Guimarães aquilo que já fizemos em Viseu e em Coimbra.

E Guimarães para Sua Excelência não é o Castelo, o Paço dos Duques, uma ou outra obra de arte, ou qualquer arteira a abrir.

Guimarães é a cidade medieval com ruas e recantos característicos da época, a que é necessário dar vida e conservar essa feição artística; Guimarães é a cidade histórica, o «Solar da Pátria» que o Governo pretende engrandecer e que todos os portugueses, mórmente os vimaraneses desejam enobrecida e cuidada como berço da nacionalidade portuguesa. Aqui, na Terra da Fundação, se reflecte toda a acção e nobreza dos portugueses.

Ali, naquele Altar da Pátria, ajoelhamos todos com profundo respeito e admiração por aqueles que reza a História.

Assim o compreendeu o Governo de Salazar e assim o está a interpretar o illustre titular das Obras Públicas.

Por isso Sua Excelência não descurou, também, na sua visita a Guimarães, a Rua de Santa Maria, o Largo da Oliveira e a Praça de S. Tiago; visitou o Museu Alberto Sampaio e chamou os técnicos encarregados de estudar cada um destes assuntos pedindo informes e pormenores.

Analisou a formosa adaptação do antigo Convento de Santa Clara a futuros Paços do Concelho, podendo ser circundado com a transformação do actual quintal do Internato Municipal em largo que dá saída através da Colegiada para o Largo da Oliveira.

Poderá assim ser visitado e admirado o interior da muralha e o acesso às ameias donde se disfruta uma rica vista panorâmica de todo este conjunto de Arte e da cidade.

Estudou o arranjo urbanístico do Toural, da futura Avenida Salazar e da rica e suntuosa Alameda que do Largo 28 de Maio vai até ao Campo da Feira. Tudo isto tem em vista o descongestionamento, aformoseamento e melhor acesso ao centro da cidade.

E dentro das vias de acesso não foi esquecida a variante da estrada do Castanheiro a Covas, com vista a eliminar 2 passagens de nível, o que é dum alcance transcendente e que tem sido um dos problemas pelo qual se debateu, desde início, na Assembleia Nacional, o illustre Deputado Capitão Magalhães Couto.

Esse troço de estrada, tal e qual está a ser estudado, vai facilitar imenso o trânsito de entradas e saídas da cidade, bem como vai constituir também uma rica arteira para construções nos subúrbios de

Guimarães, e vai ainda oferecer aos turistas mais um panorama lindíssimo dos arredores da velha cidade medieval. Além disso, a bifurcação que a estrada faz, perto do Castanheiro, indo um braço para a Estação e o outro em direcção ao actual matadouro, mais vai facilitar o trânsito e ampliar a área acanhada da cidade.

Plano vasto e larguíssimo de urbanização da cidade, ele mereceu, como dissemos já, um estudo meticoloso de concretização pelo illustre Ministro das Obras Públicas para em breve se poder dar início aos trabalhos.

Na caravana de estudo devemos salientar também o vimaraneses illustre, Técnico também e actual Presidente da União Nacional, Senhor Eng.º Duarte do Amaral.

Aqui apareceu também Sua Excelência, não olhando a sacrifícios de toda a ordem nem à distância que o separava da sua terra natal.

Como Técnico e conhecedor profundo dos problemas de Guimarães imprimiu a esta longa visita de estudo o seu parecer sempre oportuno que o illustre Titular das Obras Públicas muito apreciou.

De há muito temos notado que o Senhor Eng.º Duarte do Amaral trabalha afincadamente pela sua Terra.

Não é de hoje pela força do cargo político que ele toma esta atitude. O seu bairrismo vem de longe e tivemos já ocasião de apreciar o seu trabalho e a sua acção de vulto

SOLIDÃO

Por AURORA JARDIM

Foi-se embora! Ela ficou abandonada e triste.

Lá fora morrem seus passos.

Foi-se embora! Tudo acabou. É uma boca fechada.

Lá fora, morrem seus passos.

Frente ao espelho, magoada, aberta-se muito em seus próprios braços.

Continua na 2.ª página.

Os serviços de acção social, mórmente os de protecção à criança, carecem, sem dúvida, de cooperar em amplitude com as autoridades escolares, por forma a promover-se

GAZETILHA

QUARESMA

Mais um Carnaval passou Na vida da Humanidade Que à folia se entregou Gozando à farta, à vontade... Vem a quadra quaresmal Com seu sentido elevado — E porá ponto final A tanto erro, ao pecado?

(Dúvido que isso aconteça E que o ódio desfaleça).

Quadra de meditação — Procura o homem contrito Conquistar a salvação.

Nesta vida que é uma cruz Desperta-lhe a consciência O martírio de Jesus.

Parece que a alma exulta Da Quaresma à Aleluia E que acaba a vida estulta De torpezas, de arrelia...

Parece que a contrição Vem operar um milagre — Mas não passa de ilusão!

O mal, o crime, a maldade, Os erros voltam ao mundo E com mais intensidade.

... Que importa se novamente Na Quaresma a Hipocrisia Tão orgulhosa e demente Confessa sinceramente Tantos pecados de um dia?...

Tantos que Bradam aos Céus E têm o perdão dos homens Mas nunca o perdão de Deus!

C. T.

Eng. Duarte Amaral

Pelo Governo Brasileiro foi agraciado com a Ordem do «Cruzeiro do Sul», o nosso prezado Conterrâneo e Amigo sr. Eng. Duarte do Amaral, a quem por tal motivo felicitamos.

A Associação Artística festejou mais um aniversário

A Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaraneses esteve em festa no domingo, solenizando o seu aniversário, tendo sido celebrada uma missa na Basílica de S. Pedro, por alma dos sócios falecidos.

Seguidamente e no salão nobre da sede associativa realizou-se, perante numerosa e selecta

xeira, representante da As. Fúnebre; Dr. Francisco P. Zagalo e Dr. Miguel Antas de Barros, Conservadores, respectivamente, do Registo Civil e Registo Predial, etc.

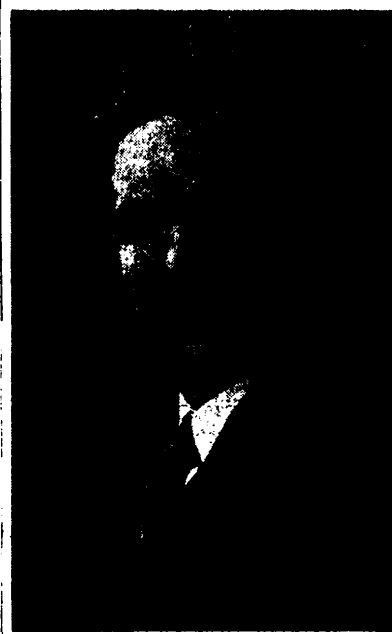
A abrir a sessão usou da palavra o presidente da Associação Artística, sr. João Xavier de Carvalho, que se referiu ao significado daquela festa, apresentando cumprimentos ao illustre Presidente do Município, assim como aos demais convidados presentes e exaltou a acção generosa dos srs. José Torcato Ribeiro Júnior e Comendador Alberto Pimenta Machado, dois grandes benfeitores daquela Instituição, que, mais uma vez contribuíram para o Bodo a distribuir às viúvas pobres.

Seguidamente apresentou, em breves palavras, o orador oficial da sessão, sr. Dr. Isaias Vieira de Castro, distinto Clínico vimaraneses, referindo-se às conferências por ele já ali realizadas, aos livros publicados e, ainda, à colaboração brilhante que, por vezes, tem dado às colunas do nosso jornal.

O sr. Dr. Isaias Vieira de Castro, a quem a assistência recebeu com uma demorada salva de palmas, proferiu seguidamente a sua conferência subordinada ao sugestivo tema: *Alguns aspectos sobre Higiene Mental*, que desenvolveu, ante a atenção do auditório, dispensando-lhe este, no final do seu valioso trabalho, os maiores aplausos.

O sr. Presidente da Câmara, ao encerrar a sessão, após a distribuição de prémios que foi feita às crianças das escolas e bem assim a educandas do Asilo de Santa Estefânia e a internados das Oficinas de S. José, agradeceu as referências que lhe haviam sido feitas e felicitou o seu illustre colega sr. Dr. Isaias Vieira de Castro pelo admirável trabalho apresentado, que revelou bem os seus altos conhecimentos.

A interessante festa anual concluiu ainda com a distribuição de um bodo, em agasalhos e dinheiro, a 51 viúvas pobres, de antigos sócios daquela Associação Mutualista.



Dr. Isaias Vieira de Castro

assistência, uma sessão solene, que foi abrilhantada pela Banda das Oficinas de S. José.

Presidiu à sessão o sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal, ladeado pelas seguintes individualidades: Dr. José Catanos Diogo, Vice-Reitor do Liceu; Coronel Malaquias de Sousa Guedes, Tenente António Joaquim de Sousa e Francisco Martins da Costa e Silva, comandantes, respectivamente, dos B. V. de Guimarães e das Taipas; José de Carvalho Jacinto, representante da Direcção do Asilo de Santa Estefânia; P.ª Avelino Pinheiro Borda, capelão da As. Artística; Laurentino Ribeiro Tei-

Pelo Prof. J. Martins Lima

real e verdadeira assistência a todos os alunos necessitados. A actividade assistencial, mercê das participações do Estado, das autarquias locais e da iniciativa particular, tem exercido larga acção nos últimos tempos.

Em especial o Instituto de Assistência à Família, a Obra das Mães pela Educação Nacional, os Serviços Jurisdicionais de Menores, as Comissões Municipais e Paroquiais de Assistência, as Delegações da Cruz Vermelha, o Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos e o Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, com cursos de alunos atrasados ou instáveis mentais, têm de entrar em contacto directo, permanente, com as autoridades e serviços escolares para uma mais eficiente e ampla actividade assistencial.

Tem de intensificar-se, em todo o País, a obra de protecção à mulher grávida, com consultas pré-natais e maternidades, à defesa da criança, com a criação de mais dispensários, creches-asilos (tipo Ninho dos Pequenos), parques infantis, lactários, jardins de infância, vestiários infantis, em suma.

Muito se tem feito já, é certo, neste pormenor do vasto plano de assistência, mas muitíssimo há ainda a fazer. No tocante propriamente à luta anti-tuberculosa, esta está regulamentada pelos serviços modulares do I. A. N. T., bem como da A. T. N. P., com sede no Porto. Possui o Instituto Nacional aos Tuberculosos nove dispensários em Lisboa e Porto e inúmeros na Pro-

OS MUNICÍPIOS

Há cerca de dois anos publicou «O Século» um artigo em que se mostrava com argumentos de incontestável valor a necessidade premente de se conceder aos municípios a autonomia que lhes é indispensável para uma acção eficaz e de os aliviar de muitos encargos que os asfixiam e só ao Estado competiria suportar.

O assunto é de tamanha importância que, cabendo embora nas colunas de um jornal de grande expansão em todo o país, como é «O Século», transcende manifestamente o âmbito de um simples semanário regional, cuja aspiração não deve ir além de influir, pela sua crítica e pelas suas sugestões, no progresso da vida administrativa local.

Mas também é certo que o estudo do problema de uma reforma administrativa pode aproveitar para a compreensão mais perfeita das causas determinantes de muitas deficiências que, sem inteira razão, se atribuem, exclusivamente, à incompetência daqueles sobre quem impende o encargo de administrar o concelho.

O Código Administrativo em vigor resente-se de um vício que não pode deixar de o contaminar em toda a sua estrutura, por mais elevada e nobre que seja a categoria moral e intelectual de quem o organizou.

Com efeito, no «Manual de Direito Administrativo» de Marcelo Caetano, 3.ª ed. págs. 20 e 21. lê-se: «... as novas condições sociais e necessidades do século XX criaram outros problemas que obrigam a alterar a harmonia de linhas do sistema administrativo».

«Assim... a Administração tende a subtrair-se à fiscalização das assembleias políticas e da opinião pública e a erigir-se no mais forte dos poderes, intimamente ligada, como está, ao poder governamental».

«A boa ordem dos serviços é verificada apenas por órgãos de inspecção de carácter técnico-administrativo, deixando quase de haver fiscalização tendente a defender interesses ou direitos privados e a criticar as soluções adoptadas, com a sugestão de outros no interesse público, como era missão da fiscalização política e da imprensa nos regimes liberais. Assim, o pendor natural em que se vai é para um autoritarismo burocrático em que os técnicos pontificam em nome de pretensas certezas científicas perante as quais os anseios individuais de justiça ficam diminuídos...»

Continua na 2.ª página.

M.

Continua na 2.ª página.

Continua na 2.ª página.

Continua na 2.ª página.

Continua na 2.ª página.

Continua na 2.ª página.

Continua na 2.ª página.

Continua na 2.ª página.

Continua na 2.ª página.

Continua na 2.ª página.

Continua na 2.ª página.

PROBLEMAS SOCIAIS

Pelo P.º Manuel Matos.

PROSSEGUINDO...

A máquina e a Lei de Newton

Ter de aceitar a luta em campo raso, torna-se, por vezes, doloroso, porque, alvejar o adversário — cara-a-cara — acarreta o perigo duma falta de caridade mais grave.

Todavia, não me acobardo perante a insistente provocação e assim, eis-me a responder, embora preferisse prosseguir na publicação de outros artigos já redigidos e cujos títulos são estes:

A máquina — seu bem — seu mal; A tese cristã e a tese comunista; Circulo vicioso... etc.

Mas o senhor Almeida Guimarães deseja que lhe responda directamente.

Aí vai, pois, a resposta tal qual a provoca.

Nela, não me deixarei cegar por facciosismos saloios, nem arrastar ao vil ultrage.

E assim, serei um padre perante um capitalista industrial. Nada mais. A's insinuações maldosas respondo com o meu perdão mais completo.

A defesa que faço do Bezerra, é inspirada na falta de caridade com que o operário se viu tratado, pois, foi despedido do trabalho, sem a mínima atenção para com as suas necessidades individuais e familiares. E isso feriu a minha sensibilidade. Quanto ao que o senhor Almeida escreveu, procurarei interpretar, com clareza, o seu dizer e tirar as ilações que disso, logicamente, seja justo deduzir.

Pergunta o senhor Almeida: Poderão patrões pobres dar trabalho aos operários?

Poderá haver trabalho sem riqueza?

A esta última pergunta oponho estas:

Qual será a função social da riqueza perante o trabalho?

Será boa política social aferrar a riqueza, furtando-a à colaboração com o trabalho?

Aquele que conseguiu riqueza, mediante a fiel e leal colaboração dos seus operários, pode, tranquilamente, despedi-los, ficando-se a gozar a vida?

A primeira pergunta do senhor Almeida respondo com o magnifico espectáculo que o patrão pobre nos oferece: associa a si, à sua luta titânica pela vida, terrivelmente ameaçada, o seu obreiro, trabalhando como ele, sofrendo como ele, amassando ambos, em suor e lágrimas, o pão negro de cada dia.

Mas eu não queria dirigir-me por este caminho... Outra é a minha direcção.

Eu queria fazer sobressair os graves deveres do patrão rico — pois é com um que estou a discutir — no campo social. E pretendia ainda mostrar-lhe que a máquina criou um problema, a partir do

víncia, num total creio que de 52, espalhados em todo o País, além de sanatórios-marítimos (para tuberculosos cirúrgicos, no Outão, Gelfa, Carcavelos), de planície, meia-altitude e altitude.

No campo da assistência à criança pobre, em perigo iminente de contágio, enfraquecida, predisposta à tuberculose, tem igualmente a Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal feito obra que merece o carinho e o auxílio de todos.

Dois preventórios infantis, com uma lotação de 250 camas, acolhem crianças pobres e doentes.

Mas, além da assistência médica, da protecção propriamente clinica, temos de prosseguir, como dissera o Senhor Dr. Veiga de Macedo, na tarefa de levar o pão às crianças necessitadas.

Uma escola, sem a sua cantina, anexa, é como um corpo desprovido de um dos seus órgãos vitais. Não pode certamente a Escola exercer cabal, perfeita acção educativa — nos seus múltiplos aspectos de formação moral, de ensino e cultura, por mais elemental, se os seus alunos não estiverem suficientemente alimentados.

Mais de setecentas cantinas existem já em Portugal, anexas às escolas, com as suas salinhas de jantar modestas, sem dúvida, mas limpas, arejadas e higiénicas, onde se servem refeições quentes às crianças pobres.

Mas se pensarmos que são mais de 17.000 o número de escolas (Luzgares) existentes também no País, temos de concluir que a obra tem de facto de prosseguir com persistência, energia e boa-vontade.

A's autarquias locais, a todos os que possuem bens de fortuna se apela, pois, vibrantemente, para que, com o seu coração generoso, contribuam para a construção e manutenção de mais cantinas escolares.

Que cada escola tenha junto de si uma cantina onde a petizada, gárrula, jubilosa, feliz se sinta mais acarinhada e protegida! Assim teremos dado um largo passo no capítulo da assistência,

momento em que concorre deslealmente com o trabalhador.

E' um facto a existência da máquina e é um facto, também, a sua concorrência com o homem do trabalho.

Quem há-de ser o moderador dessa concorrência? O patrão, pois é às suas mãos que vai parar a riqueza que o operário, de colaboração com ele, produz em larga escala.

Esta «moderação» vem expressa nestas palavras do senhor Almeida: «Eu tenho a convicção firme de que os operários conscientes... não deo de sempre reconhecer no seu patrão o amigo e o seu melhor protector, assim como o patrão verá nos seus operários os seus fiéis e leais colaboradores».

Vamos adiante. Imaginemos este triptico:

A

M

B ou P

A — são os muitos Patrões dispersos pelo mundo.

M — são os maquinismos concorrentes.

B ou P — são os inúmeros Bezerras ou os Proletários do imenso mundo do trabalho.

Proletário, diz Augusto Moreno no seu Dicionário Popular, é o indivíduo pobre, que vive do trabalho mal pago.

Dei a definição, para mostrar que é palavra portuguesa...

A máquina veio colocar-se entre o patrão e o operário, distanciando-lhes a respectiva gradação social.

Ambos homens, são dois símbolos, duas mentalidades, duas aspirações distintas.

Enquanto um se contenta com ganhar o pão de cada dia, outro quer ser rico.

Para o primeiro, num quinhão modesto se concentra a sua felicidade, ao passo que o outro anseia quinhão maior e a sua amontoa. (Deus não condena as aspirações).

O que consegue amontoar, vem a ser o patrão rico. Está neste número o senhor Almeida, pois afirma: «Eu, se não tivesse bens e fundos que garantissem o trabalho da minha fábrica...».

E medindo a distância entre o patrão rico e o patrão pobre — como resposta às duas perguntas que formulou, traça esta sentença estupenda: «Já se vê, pois, que não é o operário do patrão pobre que tem trabalho mais garantido, do que aquele que está ao serviço do patrão que tem meios necessários e na proporção de manter em laboração constante a sua fábrica».

Não lhe cito nomes... para lhe demonstrar o contrário e desafio-o a provar-me a inversa.

Serão patrões pobres aqueles que têm despedido dezenas, centenas e até milhares de operários... na América?

Oh! Senhor Almeida, agarre-se a Santa Luzia bendita... enquanto lhe não caia a terra em cima da cara e olhe em sua volta. Mas prossigamos. O senhor é patrão, um patrão rico. Tem uma fábrica e tem Bezerras. Patrão e assalariado como encaram a máquina?

Como são diferentes as concepções...

Um, vê nela um auxiliar magnifico, mas concorrente desleal.

Outro, concebe-a como fonte inexgotável de riqueza.

Um, olha-a desconfiado, arripia-a uma perspectiva sombria.

Outro, vê nela a luminosa concretização dum sonho.

Um, olha para si, avalia as suas necessidades, sente a indispensabilidade absoluta do recurso ao trabalho e apavora-o, dentro do plano de interesses do patrão, a luta desigual que vai travar com a máquina, inconsciente e irresponsável, que o fará sucumbir, impotente.

Outro, vê nela o filho de ouro que urge explorar.

Mas a máquina ali está... indifferente às apreensões dum e aos anseios de outro. O operário acciona-a e ei-la a trabalhar. Com ela, faz numa hora o que faria num dia... num dia a obra dum semana... numa semana o trabalho dum mês... num mês o que faria num ano... e num ano o serviço de muitos anos.

Eis a temível concorrente — suspira o operário.

Eis o segredo do meu futuro — afirma, jubiloso, o patrão.

E quebrado, assim, o silêncio, segue o diálogo:

«Patrão... Deus mandou-me pedir o pão de cada dia... que é como quem diz: faz por ganhar em cada dia o pão que será o teu sustento...»

«Com esta máquina «ganho» num só dia o pão de muitos dias... Onde se recolhe esse pão?»

No meu celeiro.

Vai, certamente, responder-me com estas suas palavras: «Eu, se não tivesse bens e fundos que garantissem o trabalho da minha fá-

Carta A UMA SENHORA

Minha Senhora:

Como ainda não gelou a tinta nas canetas, ao contrário do que tem sucedido em algumas canalizações da água, devido ao frio siberiano que tem transformado o nosso clima, classificado de temperado, em clima glacial, aqui me tem, embora sem a habitual disposição para o fazer, a escrever-lhe mais uma carta.

Evidentemente, que não lhe falei do carrancudo e melancólico Entrudo que passou, porque não vale a pena perder tempo com as reminiscências desses folguedos de tempos passados que hoje, sobretudo em algumas terras, apenas aparecem mascarados carnavalescos.

brica... teria de reduzir os dias de trabalho, faltando assim com o pão aos meus operários».

E' a resposta dum crente... não haja dúvidas. Mas que quer dizer com ela?

Reconhece ou não que há um compromisso social que impende sobre os seus bens e fundos, relacionado intrinsecamente com o pão dos seus operários? Certamente. São eles a garantia do trabalho da sua fábrica... do pão dos seus operários... Portanto, tem ou não tem, a sua riqueza, um dever social?

E a este dever social corresponde ou não um direito social — o do operário?

Indiscutivelmente. E isto vem demonstrar o que acima afirmávamos:

Visto que é às mãos do patrão que vai parar a riqueza, que o operário, de colaboração com a máquina, produziu e amontou, é ao patrão, elemento importantissimo no plano divino relativo à vida humana, que compete ser o «moderador» dessa concorrência — ou limitando-lhe o poder e a extensão ou não esquecendo nunca «os seus operários — seus fiéis e leais colaboradores» dos quais diz ser, como patrão, «o amigo e o seu melhor protector», tudo isto em ordem a dar-lhes o pão, executando, assim, os princípios salutareis da Justiça distributiva que deve provir das suas mãos como representante de Deus.

E' que, Senhor Almeida, no dizer do Evangelho, o «Pai de Família», que é Deus, foi quem determinou a amontoa, nas suas mãos, do grão com que há-de alimentar... «as aves do céu».

Portanto, convença-se de que, logicamente, «os seus bens e os seus fundos» são o celeiro «dos seus fiéis e leais colaboradores».

E assim, quando olhar para as suas riquezas, pode afirmar convictamente: «Entre o muito que é meu, honestamente adquirido, está, também, muito que é dos meus operários e tudo isto foi posto por Deus, nas minhas mãos, para que não faltasse o pão aos meus colaboradores».

Eis a função social do patrão e eis a função social da sua riqueza, quando é fruto dum esforço em que o operário participou.

E concluindo, citamos e applicamos ao caso a Lei de Newton: «A matéria atrai a matéria na razão directa das massas e no inverso do quadrado das distâncias».

E' evidente que uma distância enorme o separa do operário. Este é pobre e o Sr. é rico.

Agora, como diz, veja «nos seus operários os seus fiéis e leais colaboradores» e nunca lhes falte com o pão.

E' esse o seu dever social. Satisfeito? — Oxalá. E oxalá, sobretudo, que eles nunca se queixem de si, nem dos imperativos sociais da sua fé.

— A seguir: «A máquina — seu bem — seu mal».

De V. Ex.º

cd.º ven.º e obg.º

X.

Fevereiro de 1956

De V. Ex.º

cd.º ven.º e obg.º

X.

Fevereiro de 1956

De V. Ex.º

cd.º ven.º e obg.º

X.

Fevereiro de 1956

De V. Ex.º

cd.º ven.º e obg.º

X.

Fevereiro de 1956

De V. Ex.º

cos os que usam esse distarce durante todo o ano, salvo as devidas e honrosas excepções dos que odeiam a máscara da hipocrisia e da traição.

Por agora, minha Senhora, somente lhe quero manifestar a minha satisfação pelas esperanças que a recente visita de Sua Ex.ª o Senhor Ministro das Obras Públicas deixou em todos os vimeanenses que colocam no primeiro plano das suas aspirações a prosperidade da sua terra e o prestígio do seu nome.

Escusado seria, talvez, falar-lhe nesse assunto, uma vez que a imprensa já lhe deu o devido relevo, como, com certeza, V. Ex.ª teve ocasião de verificar, pelo menor intermédio do «Notícias». No entanto, o meu silêncio a esse respeito poderia dar motivo a que algumas pessoas mais exigentes me condenassem, mesmo a revelar a pena de lesa-bairrismo.

Feita esta justificação, desejou dizer-lhe que me associou, sem reservas, às aspirações e às esperanças do povo de Guimarães no sentido de ver realizados os melhoramentos que constituem o principal imperativo da sua categoria e da sua tração na qualidade de Filhos desta vetusta e importante parcela do Património Nacional, bem digna de toda a protecção e de todo o carinho dos mais altos e mais dignos representantes da Nação. Que essa protecção e esse carinho não viro a faltar, manifestou-o o Ilustre Titular da Pastas Obras Públicas pela forma como procurou analisar todos os pormenores referentes aos melhoramentos em perspectiva.

Por sua vez, a actual Vereação Municipal, presidida pelo dedicado Vimeanense, Sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, que já tem dado provas da sua actividade e do seu dinamismo, procura cumprir os compromissos assumidos perante os deveres que lhe são impostos pelo Código Administrativo, onde se encontram claramente definidas as atribuições daqueles cargos.

Encontram-se, pois, em jogo vários e importantes problemas ligados ao progresso de Guimarães, aos quais se torna necessário imprimir actividade e movimento, mas este mais automático do que o passo da antiga burrinha do Senhor Abade, de maneira a adquirir, ao menos, a velocidade do automóvel que substituiu, em parte, aquele tradicional meio de transporte.

Guimarães, que tem vivido afastada do progresso, terá, agora, a justa recompensa de ter sabido esperar sem trair as virtudes e as qualidades dos seus antepassados, estampadas na própria Imagem da Pátria. Oxalá, portanto, que desta vez não seja preciso recorrer a S. Tomé para se acreditar no ressurgimento desta Terra, tanto mais que ela tudo merece.

De resto, minha Senhora, não é com descrença e com desânimo, mas sim com fé e com esperança que se consegue a justiça a que cada um tem direito. Assim acontecerá a Guimarães, onde no coração de cada bom Vimeanense palpita a hora da sua redenção. Por isso, essa hora chegará!

De V. Ex.º

cd.º ven.º e obg.º

X.

Fevereiro de 1956

De V. Ex.º

cd.º ven.º e obg.º

X.

Fevereiro de 1956

De V. Ex.º

cd.º ven.º e obg.º

X.

Fevereiro de 1956

De V. Ex.º

cd.º ven.º e obg.º

X.

Fevereiro de 1956

De V. Ex.º

cd.º ven.º e obg.º

X.

PROBLEMAS Continuando

de Guimarães

Continuação da 1.ª página

por ocasião das Festas Centenárias e Milenárias da Cidade, bem como ainda há pouco tempo na visita a Guimarães do Ex-Presidente da República do Brasil, Doutor Café Filho.

Isso lhe mereceu ultimamente as honras duma condecoração justíssima que o actual Presidente Doutor Juscelino de Oliveira lhe acaba de conferir. Folgamos imenso por ter sido apreciado lá fora, na justa medida, o seu trabalho.

Amigo como é de Guimarães, e disso está a dar provas dia a dia, esperamos que o Senhor Eng.º Duarte do Amaral ajude a concretizar a obra que se projecta para a cidade da Fundação. Todos nós somos de mais para uma tão vasta obra de problemas múltiplos.

Há necessidade dum esforço de conjunto, do Governo, dos Técnicos, das Autoridades locais, dos homens de influência e boa vontade, e, por fim, de todos os vimeanenses num esforço de bairrismo e compreensão dos problemas que giram à volta de todos nós.

De facto a muitos vimeanenses serão exigidos imensos sacrificios. E dentro desses sacrificios avulta o ter de abandonar o seu lar, ceder a sua habitação, a sua horta, ou o seu campo. Custa, habituados como estamos a ser conservadores, abandonar os recintos queridos duma vida, o escritório ou a loja do nosso negócio.

No entanto isso será compensado com a satisfação do dever cumprido. Trata-se de engrandecer a cidade, de lhe criar outro ambiente de progresso, de lhe realçar o seu valor histórico, arquitectónico e artístico.

Facilitemos todas as demarches para um bem comum e até nacional.

Além disso, se pensarmos bem, nem sempre a cedência da nossa casa ou do nosso negócio nos traz prejuizos. Há casos e muitos em que só há vantagens nisso. Uma grande maioria dos prédios de Guimarães são inestéticos, sem condições de hygiene nem conforto, encostados uns aos outros a maior parte das vezes por tabique e uma grande parte deles tendendo para a ruína. Nestes casos só há vantagem em ceder o prédio e ir construir numa arteria nova, quase pelo mesmo preço uma habitação também nova, sadia e alegre, com ar e luz.

As casas de negócio também estou convencido que há-de ter vantagem nisso, pois quem por bem se muda Deus o ajuda.

J. SOARES LEITE.

MISERICÓRDIA DE GUIMARAES

Sessão de 3 de Fevereiro

Sob a presidência do ex.º Provedor, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

— A Mesa tomou conhecimento da Portaria publicada no «Diário do Governo», II série, n.º 19, de 25-1-1956, referente à expropriação dos prédios pertencentes à Santa Casa da Misericórdia, sítios em Guimarães, na Praça de D. Afonso Henriques, 58 a 65.

Sobre este assunto, foi deliberado que ficasse exarado na acta desta sessão o seguinte:

Não tendo a Mesa poderes para tomar qualquer deliberação definitiva sobre a alienação de bens pertencentes à Misericórdia, seja qual for o fim que resulte desse facto, foi comunicada à Direcção Geral de Assistência a pretensão do sentido de aquela entidade habilitar a Mesa a entrar em negociações com a Comissão Administrativa das Obras da referida Caixa, que, alias, já fez uma proposta segundo a qual se manifesta a intenção de ser tomado em consideração o facto de se tratar de uma Instituição desta natureza.

Por sua vez, a Direcção Geral de Assistência informou, no seu officio n.º 4822/1B, de 30-12-1955, que havia sido solicitada a Direcção Geral da Fazenda Pública a avaliação dos referidos prédios, cujo resultado ainda não foi comunicado.

Encontra-se, portanto, neste pé a parte que diz respeito a esta Instituição e é de esperar que tudo venha a resolver-se sem litigio judicial, vniante que a Mesa já manifestou ao ex.º Presidente da Câmara deste concelho, por meio de correspondência dirigida a Sua Ex.ª.

Perante estas circunstanças, só por má fé ou por falta de justa compreensão alguém poderá atribuir à Mesa procedimento contrário às boas normas de correcção e de lealdade.

maranenses — tão ufanamente reclamado anda o seu bairrismo.

O remédio para este mal, depende muito da nossa vontade, do nosso esforço.

Desarticulemo-nos — sem perda de tempo.

A. L. DE CARVALHO.

Alguma coisa aproveitamos, já, desta nossa troca de palavras.

Pelo menos, ficamos informados de que é licito aceitar os benefícios que o progresso nos vai facultando, através dos tempos, no que diz respeito a transportes, electrificação, rádio e futebol, e que todos podemos usar dessas regalias, segundo as possibilidades de cada um, seja qual for a classe a que pertencer, ainda mesmo que para isso tenhamos de sobrecarregar os outros.

Ora, por analogia de ideias, é evidente que esse direito não poderá ser exercido, somente, nos campos mencionados, mas sim em todas as manifestações do progresso humano. E, sendo assim, como deve ser, lá temos a máquina a aproveitar-se, em todas as suas variedades e fins.

Em conclusão: a máquina tem que ser aceite, quer se queira quer não, devido às condições inevitáveis do progresso da ciência técnica.

O meu velho amigo, sr. A. L. de Carvalho, vem em reforço desta verdade, na exposição feita no seu artigo publicado aqui a propósito de máquinas. Embora transcrevendo alguns excertos de escritos antigos, nos quais se manifesta a reacção contra o advento da máquina, reconhece que esta triunfou e triunfará, apesar de tudo. Quero, porém, salientar a parte final do seu artigo que poderá ser traduzida por esta sentença: O homem comerá o pão com o suor do seu rosto; ou seja: o homem viverá do produto do seu trabalho. E, se, em verdade, assim é, o trabalho deve existir para todos, de modo que todos possam viver.

A máquina provoca a desocupação de muitos braços? Procuremos o remédio para o mal. Nós não podemos evitar a existência do raio; mas, para nos livrarmos dos seus efeitos, construímos o pára-raios. Não podemos libertar-nos da máquina?

Procuremos estudar os meios de atenuar os males produzidos por ela. Para isto, é que eu desejava vir surgir muitos polemistas, que trouxessem o seu contributo para a solução deste problema, o problema por excelência, porque é o problema do trabalho.

O que me trouxe à tribuna da imprensa foi, primeiro que tudo, demonstrar que o patrão do Bezerra, figura simbólica criada pelo sr. Padre Manuel Matos, não é culpado na montagem de máquinas modernas, mas sim que é levado a isso pela força da concorrência estrangeira, no que só é sacrificado pela grande soma de capitais investidos, que muitas vezes não chegam a ser amortizados.

Depois, quero afastar o labéu lançado sobre a honestidade da classe patronal a que me honro de pertencer.

Sobre este ponto, agradeço à Redacção do «Notícias», por me vir esclarecer, que o sr. Padre Matos não quis afirmar, que todos os patrões eram desonestos, mas sim raras excepções. Se assim fosse, estava certo e, então, seria decabida a minha interferência. Mas eu reportei-me ao que vem escrito na primeira página, sexta coluna, vigésima linha do «Notícias», de 5 do corrente, e que é isto: «Como todos sabemos, há riqueza legitimamente adquirida e outra que não é. Há a que provém do trabalho honesto e digno (raros são os que, trilhando este caminho, lá chegam...»).

E' claro, tratando-se de patrões, raros são, como está escrito, os que conseguem riqueza honestamente. Isto é, os honestos são os que constituem a excepção e os desonestos é que estabelecem a regra. Portanto, em vez de todos, são quase todos desonestos. E' o que se compreende do sentido daquelas palavras.

No entanto, desde que a Redacção do «Notícias» nos afirmou ser o contrário, dou-me por satisfeito e não se fala mais nisso.

Eu sei, e tenho razões para o afirmar, que, da parte de muita gente, ha um sentimento de inveja contra a classe patronal e é, por isso mesmo, que os patrões são, quase sempre, mal julgados.

Mas este assunto é vasto e não pode ser tratado em poucas palavras.

Eu prometo, conforme a vontade da Redacção do «Notícias», desenvolver-lo com serenidade, em futuros artigos.

Até à próxima, se Deus quiser.

Joaquim de Almeida Guimarães.

Felra e Festa em S. Torcato

NO DIA 27

Realiza-se no dia 27, em S. Torcato, a tradicional Feira Anual que coincide com a festa comemorativa do martirio do glorioso Santo, a qual é precedida de novena e de confissões.

O programa do dia 27 é o seguinte:

Ao romper do dia, Missa de Comunhão Geral; às 10,30 horas,

Os Municípios

Continuação da 1.ª página

E na 2.ª edição do mesmo «Manual» a págs. 154, também se lê:

«A autonomia das autarquias locais só pode manter-se na íntegra se for limitada. Mas essa limitação não convém ao Estado que prefere realizar parte dos interesses públicos através dessas pessoas colectivas assim transformadas em seus agentes ou elementos cooperadores».

«Tal subordinação repugna às tradições municipais, é certo; mas será possível resistir a tão decisivas tendências da evolução económica e social?...»

«Sou municipalista também; admiro com entusiasmo muitas instituições medievais e o espírito que as animava; mas o tempo delas passou e a ideia-força, o princípio institucional que até nós chegou, ou se adapta às condições do presente e às perspectivas do futuro ou morre. Assim mesmo: ou se adapta ou morre.»

Isto, traduzido em linguagem vulgar, é abdicção ou sofisma. O que estaria certo é que a ideia-força do municipalismo são as condições do presente que têm de se submeter e dele dependem as perspectivas do futuro.

Um código administrativo elaborado sob o domínio de tal espécie de aparente fatalismo, trai, necessariamente, os princípios que fundamentam o municipalismo e constituem a sua justificação.

A lei administrativa não tem que obedecer às condições do presente, condições artificiais, de um subjectivismo de ocasião, que não se orienta pelas necessidades de realização e aperfeiçoamento do instituto municipal mas por conveniências que aproveitam a outros fins que lhe são estranhos e com ele colidem.

Aprendemos em Herculano que «os moradores do burgo se constituíram em sociedade civil e então surgiu o município». E verificamos, pela História fora, que foi o município que nos livrou, que salvou o povo da exploração e da tirania dos ricos homens, seculares e eclesiásticos, que o arrancou à terra de que era adstricto, servo miserável a que nenhum direito assistia.

Foi pelo município que as classes populares conquistaram a sua relativa liberdade, quebraram as cadeias que prendiam o homem, ignorante da sua dignidade, ao arbítrio do senhor absoluto.

E' o município que reabilita e protege o povo, garantindo-lhe os direitos que nunca antes lhe haviam sido reconhecidos e sem o qual ainda hoje continuaria, massa amorfa, a servir de pasto às classes dominantes.

E assim nasceu o burgo; e assim se criaram os concelhos; e assim os seus habitantes, de servos, passaram a burgueses.

E são os burgueses que, perseverantes, de conquista em conquista, vão desarraigando dos reis e da nobreza os poderes de que necessitam para garantia da sua liberdade e para o engrandecimento do seu concelho, que começam a amar com aquela paixão que sempre se sente por tudo que é obra nossa, que administram com o cuidado, com o desvelo, com a dedicação e entusiasmo que só os habitantes da terra podem ter pela terra que é sua.

E as cidades, as vilas e povoações vão surgindo, cada uma com as suas próprias tradições, com as suas características locais, oriundas do modo de sentir e de ser do povo, das famílias, do aglomerado social que as criam, desenvolvem e administram.

E cada concelho tem a sua feição própria, a sua arte, a sua índole, os seus costumes e gostos e aspirações que se distinguem das povoações vizinhas e tornam o país, o conjunto nacional, numa nação que não é mera soma monótona de parcelas geométricas, materiais e uniformes, talhadas, draconianamente, por um poder central, que ignora a sentimentalidade e o baírrismo de cada aglomerado que centenas de anos de convívio e de história enraizaram, e as necessidades específicas que derivam das distintas particularidades de cada um.

As condições do presente e as perspectivas do futuro são as que dimanam da vontade nacional e da consciência dos municípes, e mostraremos, em artigos subsequentes, que com elas se não harmoniza a norma administrativa que reduz o município a mero instrumento ou sucursal da burocracia dominante do poder central.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 17, o sr. José da Rocha Coutinho; no dia 20, o sr. António Lopes de Magalhães e as sr.ªs D. Maria Joaquina Ribeiro, de Balazar, e D. Ana Mendes da Silva, esposa do nosso amigo sr. Manuel Teixeira de Freitas; no dia 21, o nosso querido amigo e virtuoso sacerdote rev. P.º José Ferreira Leite e o nosso prezado amigo sr. Alvaro Mendes da Silva; no dia 23, a interessante menina Maria Teresa, filha do nosso amigo sr. José de Freitas, e os nossos prezados amigos srs. José da Silva Martinho, das Taipas, Sebastião de Freitas, José Aristido Marques de Campos, conceituado industrial, tenente Pedro Machado e seus filhos a sr.ª D. Crisanta Machado e o nosso bom amigo sr. Anibal Magalhães Machado; no dia 23, a menina Maria Cândida Lage Baptista, filha do nosso bom amigo sr. Domingos Cosme Baptista Vieira, e as sr.ªs D. Ana Cândida da Cunha Machado, D. Palmira Martins Ferreira Fernandes, esposa do nosso bom amigo sr. Armindo Maria Fernandes, e D. Maria da Conceição Silva Carvalho, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho; no dia 24, as sr.ªs D. Rosalina de Jesus Ribeiro Martins, esposa do nosso bom amigo sr. Amadeu Soares Portilha, D. Maria Ribeiro Antunes, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel Coelho, de Torres Novas e D. Maria da Conceição Teixeira Alves Pinto, filha do nosso bom amigo sr. Joaquim Alves Pinto, e os nossos prezados amigos srs. Gualdino Pereira, João André e Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha, ilustre escritor e professor do Seminário de Braga; no dia 25, as sr.ªs D. Cécilia P. dos Santos Martins, esposa do nosso bom amigo sr. Alfredo Faria Martins, e D. Maria Isabel Mendes Belo da Silva Carneiro, esposa do nosso prezado amigo e distinto magistrado, sr. Desembargador dr. António Augusto da Silva Carneiro, e os nossos prezados amigos srs. Gaspar Ferreira Paul, digno director da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, e José Mendes Ribeiro Júnior; no dia 26, as sr.ªs D. Aurora de Freitas Saraiva e D. Maria Fernanda Glória Pereira e o nosso bom amigo sr. Francisco Macedo.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Completou no dia 13 do corrente três anos, a menina Maria Clara Carneiro de Freitas, filha do nosso amigo sr. José António de Freitas e de sua esposa a sr.ª D. Matilde Carneiro de Freitas. Desejamos-lhe longa vida e muitas felicidades.

No dia 16 fez anos a sr.ª D. Bernardina Tavares Pereira da Rocha, nossa conterrânea, esposa do nosso prezado amigo sr. sargento Ernesto da Rocha, residente em Espinho, a quem felicitamos.

Nascimentos

Deu à luz uma criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria de Belém Macedo Braga, esposa do nosso prezado amigo sr. António Manuel Ribeiro Braga.

Mãe e filho estão bem. Parabéns. — No dia 16 e em quarto particular do Hospital de Fafe, nasceu uma criança do sexo masculino, filha da sr.ª D. Maria Umbelina de Castro Freitas da Silva Lopes e do sr. Alberto da Silva Lopes, conceituado comerciante nesta cidade. Mãe e filho estão bem. Parabéns.

Covas, 12—Deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria de Oliveira Pereira, esposa do sr. José Pereira. Mãe e filho estão bem. Muitos parabéns. — C.

Partidas e chegadas

De visita a sua família esteve nesta cidade o nosso bom amigo e conterrâneo sr. alferes Francisco Alvaro Martins de Campos.

— Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. dr. Francisco Moreira Sampaio.

— Deram-nos o prazer da sua visita os nossos bons amigos srs. Manuel de Almeida, de Aباção; António Moreira Gomes, de Gandarela e Fernando Pereira de Sousa, de Santa Maria do Souto.

— Estiveram em Lisboa, de onde já regressaram, os nossos bons amigos srs. Eng.º Alberto Costa e João Rodrigues Martins da Costa (Aldão).

— Com sua esposa regressou de Lisboa o nosso bom amigo sr. José de Oliveira.

DOMINGOS PEREIRA MENDES

AGRADECIMENTO

A Família do saudoso extinto procurou já agradecer, directamente, a todas as pessoas amigas que a confortaram com provas de amizade, que jamais pode esquecer, por ocasião do falecimento e funeral daquele ente querido, mas receando que, involuntariamente embora, haja cometido qualquer falta, por qualquer lapso, vem por este meio expressar publicamente o seu indelével reconhecimento a todos quantos a acompanharam em tão doloroso transe e sufragaram a alma do seu querido morto.

Guimarães, 15 de Fevereiro de 1956.

A FAMÍLIA.

Teixeira & Freitas, Limitada,
apresenta, a partir de segunda-feira, dia 20, pelas 18 horas, a última maravilha da técnica alemã em automóveis:—

N.S.U.-Fiat

STAND no Largo dos Navarros de Andrade
Telef. 4547 — GUIMARÃES

Doentes

Tem passado doente a esposa do nosso prezado amigo sr. dr. José da Conceição Gonçalves.

— Esteve incomodado, encontrando-se já restabelecido, o nosso prezado amigo e distinto Colaborador sr. dr. Eduardo d'Almeida.

— No Hospital da Trindade, no Porto, foi submetido na 5.ª-feira a uma melindrosa operação, que decorreu muito bem, o nosso querido amigo e distinto médico-radiologista sr. dr. João Alberto Mota Prego de Faria.

— Esteve doente, mas já se encontra melhor dos seus incómodos, mademoiselle Adelina de Jesus Ribeiro, de Caldelas.

— No Hospital da Ordem do Terço, no Porto, onde continua internada em quarto particular, foi submetida a uma operação, que decorreu com êxito, a esposa do nosso prezado amigo sr. Feliciano de Oliveira, de S. Torcato.

— Foi há dias vítima de um acidente, que lhe originou fractura de um tornozelo, a esposa do nosso bom amigo sr. Francisco Ribeiro Pinto.

— Vimos já quase completamente restabelecido o nosso prezado amigo sr. José de Oliveira Pinto, de Ronfe.

— Têm passado incomodados os nossos bons amigos srs. António Augusto de Almeida Ferreira Júnior e Pedro de Sousa Carvalho.

— Tem experimentado sensíveis melhoras o nosso prezado amigo sr. Julião Carneiro da Silva.

— Vai melhor dos seus incómodos o nosso prezado amigo sr. José Machado Teixeira.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

Manuel Teixeira

Contando 72 anos de idade e na sua residência à rua de S. Torcato, nesta cidade, finou-se no pretérito domingo, à noite, o estimado industrial sr. Manuel Teixeira, fundador da Fábrica de Pentes do Ribeirinho.

O saudoso extinto havia-se submetido, dois dias antes, no Hospital de S. Marcos, de Braga, a uma melindrosa operação que, conforme noticiámos, decorreu bem, nada fazendo prever o desenlace, a que deram causa complicações que depois surgiram e que a Medicina não pôde vencer, não obstante os seus esforços.

O sr. Manuel Teixeira, espírito alegre e empreendedor, era casado com a sr.ª D. Amélia Machado Teixeira; pai dos srs. José Machado Teixeira, casado com a sr.ª D. Maria Beatriz da Silva Teixeira e Carlos Machado Teixeira, casado com a sr.ª D. Eva Dias Teixeira; e avô das sr.ªs dr.ªs D. Maria Fernanda da Silva Machado Teixeira e D. Maria Amélia da Silva Machado Teixeira e das sr.ªs D. Maria Irene da Silva Machado Teixeira, D. Maria José Dias Teixeira e D. Maria Emilia Dias Teixeira e do sr. Manuel, Dias Teixeira, e dos meninos Maria Amélia, Maria Manuela, Aida, Rumlde Laura, José Carlos

e Ernesto Dias Teixeira, e irmão dos srs. Manuel Teixeira Júnior e António Teixeira, antigos industriais e da sr.ª D. Joana Rosa Teixeira.

O seu funeral, que esteve muito concorrido por pessoas de todas as camadas sociais, efectuou-se na 3.ª-feira, às 11 horas, da Igreja de Santo António dos Capuchos (Santa Casa da Misericórdia), onde foram rezadas as missas de corpo presente e os officios de sepultura, para o cemitério de Azurém, tendo tomado parte no préstito fúnebre muitas dezenas de automóveis que conduziam pessoas das relações do extinto e da família dorida.

Fizeram-se representar nos actos fúnebres a Mesa da Misericórdia, as Conferências de S. Vicente de Paulo, de Azurém, o Rotary Clube de Guimarães e outras instituições, e vimos entre a assistência muitas senhoras, médicos, advogados, professores, industriais, comerciantes, etc.

Sobre a urna, em que repousavam os restos mortais do saudoso extinto, foram colocados ramos de formosas flores com sentidas dedicatórias dos filhos e netos do finado.

Também tomou parte nas homenagens fúnebres todo o pessoal da Fábrica de Pentes do Ribeirinho, tendo sido o cadáver trasladado, de casa até ao templo dos Capuchos, à mão, por operários da mesma Fábrica.

Presidiu aos actos fúnebres o rev. P.º José Fernandes Ribeiro, Pároco de S. Pedro de Azurém, acolitado por outros sacerdotes.

A toda a família atingida por tão rude e inesperado golpe, apresentamos sentidas condolências.

Menina

Olindina Alves Peixoto

Na esperancosa idade de 16 anos faleceu a menina Olindina Alves Peixoto, filha da sr.ª D. Rosa Peixoto e do sr. António Peixoto, proprietário de uma Pensão desta cidade, tendo-se efectuado anteriormente de manhã o funeral para o cemitério, com grande acompanhamento, após a missa do corpo presente celebrada na igreja da Misericórdia.

Missa de Aniversário

Passando no dia 23 do corrente mais um aniversário do falecimento da saudosa sr.ª D. Maria Garcia Costa, mãe do sr. dr. Manuel Ferreira da Costa, ilustre Professor do Liceu de Coimbra, será rezada missa por sua alma no próximo domingo, 26, às 11 horas, na Igreja da Misericórdia.

D. Auxília Dantas

No Hospital de S. Francisco, faleceu, após prolongada doença e confortada com todos os sacramentos, a sr.ª D. Auxília Ribeiro Dantas, tendo-se efectuado o seu funeral da capela da mesma Ordem para o Cemitério Municipal, com o acompanhamento de muitas pessoas amigas. Que descanse em paz.

Missa por alma do sr. David Martins

Comemorando o 3.º aniversário do seu falecimento, sua viúva, D.

Maria Irene Cardoso de Sousa Martins e filhos, mandam rezar uma missa por sua alma no domingo, 26, às 8 horas, na Igreja da Misericórdia.

Use Gazcidla

Vida Católica

Domingo 1.º da Quaresma. Missa própria, sem Glória. Prefácio da Quaresma. Paramentos de cor roxa.

Conferências Quaresmais em S. Francisco

Realizar-se-ão, todos os domingos, a partir de hoje, às 18 horas, e será orador o Rev. Dr. António de Castro Mendes, Professor do Seminário de Braga.

Na Capela de S. Lázaro

Nesta Capela começou a celebrar-se missa às 9 horas em todos os domingos e dias santificados.

Use Gazcidla

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Nobel, à Rua de Santo António, Telef. 40199.

Conselho Municipal

Reuniu, em sessão ordinária, no dia 13, sob a presidência do Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, achando-se presentes 8 Vogais, o Conselho Municipal que aprovou o relatório da gerência da Câmara Municipal de Guimarães respeitante ao ano findo.

Seguidamente o Vogal sr. António Emilio da Costa Ribeiro disse o seguinte:

«Sendo a primeira vez que reúne o Conselho Municipal após a visita do Sr. Ministro das Obras Públicas, que veio publicamente tomar conhecimento das obras de cuja efectivação, há tanto tempo ansiada, resultará acentuado progresso para a nossa cidade e concelho, proponho que o Conselho Municipal manifeste à Ex.ª Câmara, na pessoa do seu ilustre Presidente, o seu aplauso e o seu reconhecimento, pela inteligência, oportunidade, tenacidade e persuasão com que vem trabalhando no sentido de obter a completa realização de algumas das maiores aspirações dos vimaranenses, e que este preito de homenagem do Conselho Municipal seja aprovado por aclamação.»

Esta proposta foi aprovada por aclamação.

Seguidamente o Conselho deliberou enviar ao Sr. Ministro das Obras Públicas o seguinte telegrama:

«Senhor Ministro das Obras Públicas — Excelência: Conselho Municipal Guimarães sua primeira sessão ordinária realizada hoje manifesta alto reconhecimento interesse Vossa Excelência patenteado recente visita resolução problemas engrandecimento cidade».

Use Gazcidla

Teatro Jordão

APRESENTA

— HOJE, 15 6 21,30 HORAS —

— AMANHÃ, 2.ª-FEIRA, 20 -- 15 21,30 HORAS

CINEMA SCOPE

O SINAL DO PAGÃO

com Jeff Chandler, Rita Gam e Jack Palance
(Espectáculo para maiores de 13 anos)

TERÇA-FEIRA, 21 -- 15 21,30 HORAS

UM PEDAÇO DO INFERNO

com Wendell Corey e Evelyn Keyes
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

QUINTA-FEIRA, 23 -- 15 21,30 HORAS

CRUELDADE

com FERNANDEL
(Espectáculo para maiores de 18 anos)

SÁBADO, 25 -- 15 21,30 HORAS

Piratas Marroquinos

116 (Espectáculo para maiores de 18 anos)

Câmara Municipal

SESSÃO DE 16-2-56

O Sr. Presidente comunicou ter apresentado à discussão e aprovação do Conselho Municipal o Relatório da gerência camarária de 1955 e que foi aprovado por unanimidade.

Seguidamente a Câmara deliberou:

— Aprovar as propostas apresentadas pelo Vereador Sr. António Simões sobre:

a) um voto de agradecimento à Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro pelo novo horário dos seus transportes;

b) obrigatoriedade do uso da farda pelos motoristas da Câmara quando em serviço;

c) alargamento do caminho de S. Miguel das Caldas, em Vizela, aceitando a cedência gratuita de terrenos para o efeito e devendo colher-se propostas para execução dos trabalhos indicados.

— Adjudicar a José Petxoto os trabalhos de empedramento de um poço no lugar de Margaride, da freguesia da Costa, pela quantia de 2.297\$00, e a construção do aqueduto descoberto junto ao muro de vedação do terreno onde se encontra a escola da mesma freguesia pela importância de 4.773\$50.

— Adjudicar a António Marinho a abertura de uma mina para abastecimento de água à Escola de Aباção (S. Tomé).

— Mandar proceder à reparação por administração directa do telhado da Escola de Silveiras.

— Adquirir diverso mobiliário e material didáctico para as escolas e postos escolares do concelho.

— Conceder diversas licenças para obras.

— Conceder licenças de habitação, de harmonia com os respectivos autos de vistoria, a Manuel Alves Machado, Dr. João Alberto Mota Prego de Faria e Oliveira & Magalhães, Lda.

— Ofício do Comando da G. N. R., desta cidade, dando conhecimento de que foi capturado, por uma patrulha, quando procedia ao arrombamento da Escola de Cerzedelo, o cadastrado José da Silva, de Silveiras.

— Do mesmo comando, dando conhecimento de que foram autuados em 24\$50, Francisco Ribeiro da Cunha e Manuel de Abreu, ambos da freguesia de Urgeztes, por no dia 15 de Janeiro último terem lançado foguetes a altas horas da noite, respectivamente, na freguesia da Costa e na área da cidade.

Use Gazcidla

Notícias de Guimarães n.º 1259 -- 19-2-1956



COMARCA DE GUIMARAES Secretaria Judicial

Éditos de vinte dias

(2.ª publicação)

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo da comarca de Guimarães, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados Deolinda Machado Barbosa, Manuel Machado Barbosa e Margarida Machado Barbosa, todos menores, representados por seu pai António Pereira Barbosa e com ele residentes no lugar da Portela, freguesia de Vermil, desta comarca, para, no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos, querendo, nos autos de execução de sentença que move António Alves Saldanha, de conformidade com o que preceitua o art. 865.º do Código do Processo Civil.

Guimarães, 8 de Fevereiro de 1956.

O Juiz de Direito,

Valdemiro Ferreira Lopes.

O Chefe da Secção,

José Maria Soares.

Publicado no Boletim de Notícias de Guimarães

LAVRADORES INDUSTRIAIS PROPRIETÁRIOS

Reparem nos TUBOS GALVANIZADOS que se aplicam nas vossas instalações. Não os comprem de parede reduzida... Como somos os únicos importadores no Concelho, somos os únicos que podemos fazer bons preços.

A Competidora de Representações, L.ª

RUA DA RAINHA N.º 115 — TELEF. 4523

CALÇANDO DA SAPATARIA LUSO TERÁ A COMODIDADE EM SEUS PÉS.

Missa Solene e Sermão; às 16,30 horas, Adoração Prêgada e Apoteose ao grande Mártir.

A Feira Franca funcionará das 11,30 às 15,30 horas, com bênção do gado e distribuição de valiosos prémios aos expositores de gado bovino.

DESPORTO

A "MARATONA" DO FUTEBOL NACIONAL

Vitória, 2 — Sanjoanense, 0

Resultado certo, mas conseguido com muitas dificuldades

Parece-nos que ainda não focamos aqui, nestes comentários semanais ao decorrer do Campeonato da II Divisão, o facto do Vitória estar preparado para vencer as inúmeras dificuldades de que a prova é cheia. Hoje o Vitória possui um conjunto de jogadores que lhe permite enfrentar certas dificuldades, sendo as de maior evidência, as das lesões e dos castigos. Se não fosse o lote de jogadores que o Clube tem, já se tinham vivido momentos de grande aflição. A sorte tem sido um pouco madrastra para o nosso Clube e assim os castigos, muitas vezes injustos, têm afastado da equipa certos elementos fundamentais para a sua constituição. Por outro lado, as lesões têm também sido demasiadamente assíduas para os jogadores vimaranenses.

No último domingo os vimaranenses não puderam contar com Biblino, Costa, Rinaldi, Semedo, por lesões, e Ernesto, por sanção disciplinar. Se o Clube não tivesse, como atrás mencionamos, um lote de jogadores capazes de preencher estas faltas, não se poderia vencer tão facilmente estas dificuldades.

Por isso nos parece de realçar este facto precisamente no jogo, onde ele apareceu com mais evidência, pois além daqueles, que não puderam alinhar pelos motivos atrás mencionados, ainda durante o seu decorrer Daniel e Rosato viram-se vítimas de lesões que lhes diminuíram manifestamente as facilidades.

Por tudo isto o Vitória venceu o encontro de domingo último sem demonstrar a superioridade que tem, na verdade, sobre a simpática equipa de S. João da Madeira. O adversário dos vimaranenses jogava, neste encontro, a sua última possibilidade de se classificar para a poule final. Daí o seu empenho na contenda, demonstrado exuberantemente no seu jogo característico de pontapé largo e de luta sem tréguas.

Torna-se evidente que os vimaranenses tornaram a dificuldade do adversário com o seu sistema de jogo ligado, onde a entre-ajuda é factor principal. Não lhes correu de facto o jogo de maneira a deliciar o público seu adepto, mas parece-nos que tendo em conta as dificuldades apontadas acima, pela falta de jogadores essenciais e pelas lesões de alguns que alinharam, o resultado agrada e, sobretudo, conveio pela garantia que trouxe para a classificação definitiva quanto à entrada na poule final.

Não há jogadores a destacar, mas é justo que se realce a regularidade da defesa, principalmente de Virgílio e Silveira, e se mencione a melhoria de Rola, que dentro em pouco tempo voltará a ser aquele valoroso elemento de que o Vitória necessita.

Ficha do jogo — Vitória: Silva, Virgílio e Cesário; Luterio, Silveira e Artur; Bártolo, Daniel, Rola, Rosato e Bengé. Sanjoanense: Szabo, Bandeira e Matos; Malhado, Alves e Rodrigues; Silva, Gomes, Augusto, Baptista e Lourenço. Arbitrou Abel da Costa, do Porto. Os dois golos do Vitória, ambos marcados na primeira parte, foram feitos por Rosato e Virgílio.

Resultados gerais da jornada: Vitória, 2 - Sanjoanense, 0; Boavista, 7 - Chaves, 0; Salgueiros, 7 - A. Viseu, 0; Leixões, 6 - Leões, 1; Espinho, 5 - Vianense, 1; Peniche, 2 - Tirsense, 1 e Gil Vicente, 2 - U. de Coimbra, 0.

A jornada de hoje engloba os

Use **GAZCIDLA**

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNIGER & C.ª, L.ª

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. Est. 17 PORTO
Comp. 21 404

seguintes jogos: A. Viseu-Vitória; Vianense-Leixões; Leões-Chaves; Tirsense-Espinho; Sanjoanense-Peniche; U. Coimbra-Salgueiros e Gil Vicente-Boavista.

O Vitória desloca-se para enfrentar o último classificado da Zona Norte. Aparentemente o jogo é fácil, mas o nosso adversário ocupa o último lugar não por ser a peor equipa, mas por manifesta pouca sorte. Assim o jogo tem a sua dificuldade, capaz de ser vencida pelo maior mérito da equipa do Vitória. Como sabemos que uma numerosa falange de apoio se deslocará a Viseu, esperamos que, com a ajuda dos seus incitamentos, se alcance aquele resultado que todos desejamos.

L. R.

A Assembleia Geral do Vitória

Conforme noticiámos, realizou-se, na passada sexta-feira, 10 do corrente, a Assembleia Geral do Vitória. Constituiu esta uma verdadeira manifestação de confiança nos destinos futuros do Clube. A assistência à mosma foi deveras numerosa, estando presentes pessoas que, pela sua posição na nossa Terra, demonstram que o Vitória é uma agremiação por quem a Cidade e o Concelho têm a maior simpatia.

Com a presidência do sr. Dr. Miguel de Antas de Barros, secretariado pelos srs. Angelo Madeira e Amadeu Guimarães, a Assembleia realizou-se sempre dentro do maior interesse pelos assuntos versados na sua ordem de trabalhos. Na parte respeitante a tratar de assuntos de interesse geral para o Clube falaram os associados srs. Francisco Aguiar e Angelo Camelo, o primeiro perguntando qual foi a acção da Direcção sobre a expulsão do jogador Ernesto no jogo de Santo Tirso e o segundo, numa tentativa de defesa sobre o comportamento da equipa de Juniores do Clube no Campeonato Regional. Aos dois respondeu, em nome da Direcção, o sr. Eng.º Alberto Costa, tendo também o sr. Dr. José Pinto Rodrigues esclarecido a Assembleia sobre a regulamentação da arbitragem.

Em seguida foi lido o Relatório da Gerência pelo sr. Eng.º Helder Rocha, secretário do Clube. Este documento que relata circunstanciadamente a vida do Clube durante 1955, foi muito apreciado pelos associados presentes e aprovado por unanimidade. Quando, durante a leitura do Relatório, foi proposto, para Sócio Honorário do Clube, o sr. Dr. José Maria de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal, a Assembleia, com uma prolongada salva de palmas, aprovou esta proposta da Direcção por aclamação. Em referência ainda a esta parte da ordem dos trabalhos, o sr. Eng.º Alberto Costa, como membro da Direcção do Clube, propôs para Sócios Beneméritos do Vitória diversos vimaranenses, que tinham contribuído para a revalorização das equipas do Vitória com avultadas quantias.

Depois, usando da palavra, novamente, em nome da Direcção, o sr. Eng.º Alberto Costa pôs à votação da Assembleia uma proposta no sentido de resolver problemas económicos do Clube, ficando deliberado que os associados pagassem a entrada no Campo da Amorosa em dois jogos do Campeonato da II Divisão decorrente. Em nome do Conselho Geral, o sr. Dr. José Pinto Rodrigues patrocinou a proposta da Direcção, referindo-se ao auxílio de que é merecedor o Vitória por parte dos seus associados, o que levou a que a referida proposta fosse aprovada por unanimidade.

Quando se entrou na última parte da ordem dos trabalhos, o sr. Dr. José Pinto Rodrigues, uma vez mais usando da palavra em nome do Conselho Geral, exortou a Assembleia para que reconduzisse os Corpos Gerentes do Clube por aclamação, dado o trabalho verdadeiramente incansável que tinham realizado. Vencida a única dificuldade para a recondução total dos Corpos Gerentes, ficou resolvido que os mesmos, se assim o entendessem, finda a época decorrente, podiam, na sua totalidade ou em parte, demitirem-se dos referidos cargos, sendo então eleita uma nova Gerência.

Dentro do maior entusiasmo, numa verdadeira demonstração de confiança à Gerência reconduzida e de fé do futuro da agremiação,

terminou esta Assembleia que ficou sendo um marco brilhante na vida do Vitória.

Desportivo Francisco de Holanda

Recebemos o seguinte e cativante ofício, que nos apraz registar e agradecer com muito reconhecimento:

Guimarães, 7 de Fevereiro-1956
... Sr. Director do Jornal «Notícias de Guimarães» — Guimarães
... Sr.

Com os nossos melhores cumprimentos temos a honra de informar V. ... que foi deliberado por esta Direcção, em sua reunião de 1 do corrente, distinguir esse Jornal, de que V. ... é mui digno Director, com um Voto de Agradecimento, pela maneira simpática como nas suas páginas sempre se tem referido a esta colectividade, ajudando-a e incutindo-lhe ânimo para vencer as dificuldades que se lhe deparam, contribuindo assim, para bem do Desporto e da cidade de Guimarães.

Sem outro assunto, renovamos os nossos mais altos agradecimentos e subscrevemo-nos

De V. ...
Atenciosamente

Abílio Fernandes Novais.

Notícias de Guimarães n.º 1259 -- 19-2-1956

COMARCA DE GUIMARÃES Secretaria Judicial

ANÚNCIO

2.ª publicação

No dia Três de Março próximo por Onze Horas, neste Tribunal, nos autos de acção com processo sumário — em execução de sentença que José Alves Fernandes de Matos, casado, proprietário, do lugar de Ventuzela, freguesia de São Salvador de Briteiros, desta comarca, move contra os executados Ariando Maia Guimarães e mulher Maria Ribeiro, ele comerciante de madeiras e ambos proprietários, do lugar das Travessas, freguesia de Santa Leocádia de Briteiros, também desta comarca, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, que é de 15.000\$00, o seguinte prédio apreendido àqueles executados:

PRÉDIO

Uma propriedade composta de uma morada de casas, térrea e sobradada, e terra de horta com árvores de vinho, sita no lugar da Costa da Cruzinha, freguesia de Santa Leocádia de Briteiros, confrontando do nascente com caminho de servidão, do norte com propriedade de José Joaquim Gonçalves Guimarães, do poente com terra de mato dos herdeiros de Manuel Esteves e do sul com terra de mato de Amaro Esteves.

Guimarães, 3 de Fevereiro de 1956.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Carlos Maria Afonso de Castro.

O Chefe da Secção,

Alberto Fernandes Carreira.

Convocação

São por este meio convocados todos os credores incertos do falecido Simão António Fernandes, para no prazo de 15 dias apresentarem os seus créditos para verificação.

Guimarães, 16 de Fevereiro de 1956.

OS HERDEIROS.

PENSÃO SÃO JORGE

1.ª CLASSE

R. Castilho n.º 59-1.º - Tel. 49906

LISBOA

A MAIS MODERNA

Conforto, Selecção.

Excelente Cozinha

DIÁRIAS DESDE ESC. 50\$00

Assinal o NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

GAZCIDLA

PARA MELHOR SERVIR OS NOSSOS ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS, REMODELAMOS AS NOSSAS INSTALAÇÕES E TEMOS O PRAZER DE ANUNCIAR QUE A SUA INAUGURAÇÃO OFICIAL SE FARÁ NO PRÓXIMO DIA 20, SEGUNDA-FEIRA, PELO QUE ANTECIPADAMENTE AGRADECEMOS A VISITA.

TEIXEIRA & FREITAS, L.ª

Largo dos Navarros de Andrade — Telef. 4547

GUIMARÃES

Notícias de Guimarães n.º 1259 -- 19-11-1956

COMARCA DE GUIMARÃES Secretaria Judicial

ARREMATACÃO

2.ª publicação

No dia 3 de Março próximo, pelas 11 horas, no Tribunal do 2.º Juízo da comarca de Guimarães e 1.ª Secção, se há-de proceder à arrematação em hasta pública e em primeira praça, do prédio ao diante transcrito e penhorado aos executados Doutor José Joaquim de Oliveira Basto e esposa, ele advogado e proprietário e ela doméstica, da rua João das Regras n.º 163, da cidade do Porto, na execução ordinária que lhes move José Ribera, da Senhora da Hora, do concelho de Matosinhos, a saber:

PREDIO

Morada de casas de rez do chão e primeiro andar e segundo andar, sita no Largo do Touroal, n.º 108 a 112, desta cidade, descrita na Conservatória do Registo Predial sob o n.º 12.444, a fls. 14-v, do livro B-39 e inscrita na matriz no art.º 126, que é posta em praça pelo seu valor matricial corrigido de 1.164.400\$00.

A cargo do arrematante ficam as despesas da praça e o pagamento da sisa.

Guimarães, 11 de Fevereiro de 1956.

O Juiz de Direito,

Valdemiro Ferreira Lopes.

O Chefe da Secção, 112

José Maria Soares.

Ofertas e Procuraas

Fábrica de Tecidos

Vende-se com 50 teares mecânicos e seus acessórios, assim como o prédio onde a mesma está instalada. Para informações, telefone número 4359.

ALUGAM-SE

Na Rua Dr. José Sampaio, lojas de grandes dimensões próprias para armazéns, com instalações sanitárias e muita luz. Esta redacção informa.

Casa de Habitação

com diversos aposentos e loja para comércio, ou sem esta, aluga-se na Rua das Trinas números 31 a 33. Falar na mesma. 105

Chauffeur

Oferece-se com carta profissional (Ligeiro) e conhecimentos de fazendas brancas e miudezas. Dá informações e fiador caso seja necessário. Nesta redacção se informa. 101

SOFRE DOS CALOS?

Não perca tempo e dinheiro com deslocações a outras terras para os tratar!

Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncaal, 27-1.º. Telefone 40471. 17

Grande Reclame

POR UM ESCUDO PODE U. EX.ª ADQUIRIR UMA ÓTIMA CANETA DE TINTA PERMANENTE INSCREVENDO-SE NAS VENDAS A PRESTAÇÕES DE 1\$00 POR SEMANA NA

CASA DAS NOVIDADES RUA DA RAÍHA GUIMARÃES

Senhor Industrial!... Senhor Comerciante!...

Já possui máquina de escrever? Se ainda não, compre uma *Olympia*!...

MODERNIZE-SE

e torne mais bela a sua correspondência.

MÁQUINA COM CARROS SUBSTITUIVEIS DE 33 A 88 CM.

AGENTE NO CONCELHO: REINALDO RIBEIRO

R. DE S. DAMASO, 13 — TELEF. 40303

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e más digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 HERBIS N.º 10 HERBIS N.º 11
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

SAINT-GOBAIN

Entre os seus vários SILICONES apresenta o

DECETEX 104

um produto moderno da técnica moderna para o acabamento de todos os tecidos da Indústria Têxtil.

Peça informações aos distribuidores exclusivos em Portugal:

SANTOS, MOUTA, LIMITADA

R. do Instituto Industrial, 18-3.º LISBOA P. do Município, 267-5.º PORTO

TEIXEIRA & FREITAS, L.ª

AGENTES DA

SACOR e CIDLA

LARGO DOS NAVARROS DE ANDRADE

TELEF. 4547

Use **GAZCIDLA**

Use **GAZCIDLA**

Sapataria ESTRELA

Rua de S. Damaso, 121-123

(Junto à Mariqueira)

OFICINA PERMANENTE DE CONSERTOS

CALÇADO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA

Calçado por Medidas

Mande consertar calçado nesta Casa

Garante o que Vende

Na Rua de Santo António, a SAPATARIA LUSO com o melhor e maior sortido em calçado para Senhora, Homem e Criança, ao dispor de V. Ex.ª.

ATELIER DE COSTURA

Rosa de Jesus comunica que abriu o seu atelier na Rua de S. Francisco N.º 8, nesta cidade, onde receberá a visita das suas-clientes.

Use **GAZCIDLA**